

Deputados governistas exigem maior atenção

LUCIANO SUASSUNA

BRASÍLIA — Eram 21h50 de terça-feira, quando o líder do PDS na Câmara, deputado Amaral Netto, copiou o porta-voz Cláudio Humberto Rosa e Silva para explicar por que os vetos do presidente Fernando Collor à Lei Orgânica da Previdência haviam sido derrubados no plenário, uma hora antes: "Bateu, levou."

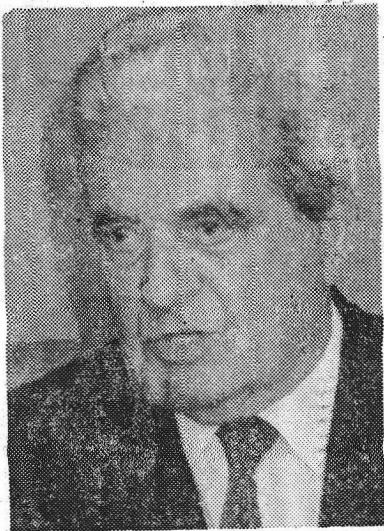
Depois de passarem os últimos quatro anos sob a política do "é dando que se recebe", os deputados que apoiaram o governo José Sarney e votaram a favor do Plano Collor estavam ontem reeleitos, porém irritados com a escassez de diálogo no relacionamento do governo com o Congresso.

"Essa é uma casa que retribui o tratamento que recebe", afirma Amaral Netto. "Se os ministros não recebem deputados e senadores, o governo não oferece nada para negociar e não dialoga, o Congresso dispensa o mesmo tratamento: bateu, levou."

A belicosidade dos parlamentares podia ser medida, nos dois dias de esforço concentrado (terça e quarta), em vários níveis. Na noite de terça-feira, o ministro da Saúde, Alcení Guerra, que fora ao Congresso para fechar um acordo com líderes partidários que garantisse a manutenção dos vetos à Lei Orgânica da Saúde, foi abordado, na saída, pela ironia do deputado Oswaldo Coelho (PFL-PE). "Vou botar no meu currículo", provocou o deputado. "Consegui, neste mês, duas audiências com o ministro da Saúde", emendou, com um sorriso capaz de dizer que, mesmo pertencendo ao partido do ministro, tem dificuldades para conseguir falar com ele.

Ontem, o líder de um partido que apóia o governo criticava, em conversas reservadas, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. Tudo bem, se ele não tivesse ido ao gabinete da ministra para elogiar, na frente dela, a linha da política econômica. Os deputados estão batendo, nem que seja por trás. Parlamentares ligados ao governo sentem em várias frentes os problemas decorrentes da mentalidade do "bateu, levou".

Na sexta-feira, o deputado Arnaldo Faria de Sá (PRN-SP), que também é presidente da Associação Portuguesa de Desportos, evitou que os pre-



AE

Amaral: "Bateu, levou."

sidentes dos times da primeira divisão do campeonato nacional de futebol, em companhia do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, redigissem, na sede do Palmeiras, uma nota violenta contra o "Projeto Zico" (o programa de desregulamentação da atividade esportiva), que não foi discutido com os clubes.

Eles acham que levaram, queriam bater, mas cederam um tempo até que o deputado Faria de Sá conversasse com o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho. "Do jeito que está, este projeto vai dar confusão no Congresso", prevê o deputado.

O líder do PFL, Ricardo Fiúza, decidiu ficar em Brasília no feriado, depois da crise aberta com a derrubada dos vetos à Lei Orgânica da Previdência, para tentar uma conversa com o presidente Fernando Collor. Hoje, o governo tem um problema estrutural: os líderes na Câmara, Renan Calheiros (PRN-AL), e no Senado, José Ignácio Ferreira (PST-ES), estão em seus Estados fazendo campanha para o governo e, mesmo que reassumam suas obrigações, não estarão mais no Congresso a partir de 1º de fevereiro de 1991.

Além disso, a maior parte das negociações de interesse dos parlamentares esbarra na intransigência da área econômica do governo, que não faz concessões em relação à política salarial, nem abre o cofre do Tesouro — atualmente com um superávit de US\$ 4 bilhões — para obras nos Estados.